

Maputo: novas mudanças no horizonte

● A doença que afectou Joaquim Chissano é autêntica e há razões lógicas que explicam o facto, aparentemente insólito, da sua hospitalização em Cuba para tratamento. Em Maputo, entretanto, é esperada para muito breve uma remodelação do Governo que Chissano deixou já delineada. A medida vai conduzir a uma maior pretização do Governo — Jacinto Veloso será o único branco sobrevivente — e, por arrastamento, a um novo passo na ascensão dos moderados.

A crise que afectou Joaquim Chissano tem a designação clínica de **adenoma** da próstata. É uma doença típica da terceira idade, que um paciente com a compleição de Joaquim Chissano suporta razoavelmente bem, sobretudo se, como parece ser o caso, tem carácter **benigno**. A escolha de Cuba decorreu do facto de os médicos assistentes do Presidente serem cubanos (uma tradição que herdou de Samora Machel) e de o hospital em que foi internado ter a sua **história** clínica completa.

Em princípio a intervenção cirúrgica a que Joaquim Chissano foi submetido poderia ser feita em Maputo. Mas aconteceu que os assistentes cubanos o

desaconselharam disso, sobretudo porque não se podia naquele momento contar com dois credenciados urologistas. Um deles, **Joaquim Cardoso**, tinha-se fixado em Portugal e outro, **Maurício Neves**, encontrava-se de férias, também em Portugal.

Estes elementos retiram qualquer consistência a rumores, segundo os quais a crise de Chissano teria sido **forjada** tendo em vista encontrar um pretexto suficientemente forte para cancelar ou adiar a visita que o **primeiro-ministro** português deveria ter efectuado a Moçambique entre 9 e 12 de Novembro. Um tal expediente estaria não só relacionado com o caso de **Evo Fernandes** como com alegadas pressões da ala **radical** da Frelimo.

No caso de Evo Fernandes, as investigações estão já praticamente concluídas e todas as informações disponíveis confirmam (AC n.º 25, pág. 12 e n.º 26, pág. 13) o envolvimento do **SNASP** no caso. Mas em circunstâncias que não configuram premeditação de matar. De qualquer modo, um adiamento da visita provocado por sequelas deste caso, teria sempre partido de Portugal — o que não aconteceu. Na véspera do seu cancelamento a visita de Cavaco Silva continuava a ser preparada em Lisboa.

Por outro lado, a questão de uma política de estreita aproximação a Portugal é neste momento muito **pacífica** na direcção da Frelimo. Isto é sobretudo reflexo da crescente ascendência (AC n.º 24, pág. 15) da corrente **moderada** do regime. O grupo antiportuguês, muito identificado com os **brancos** descendentes de portugueses e com os **asiáticos**, está neste momento bastante isolado. A sua força no partido também diminuiu consideravelmente.

O afastamento dos radicais, paralelo a uma subida dos moderados — ou simplesmente uma reciclagem ideológica e política de antigos radicais, como é o caso de **Armando Guebuza**, agora partidário de ideias moderadas — é o reflexo de uma **dinâmica** considerada irreversível que lentamente está a levar à desmarxização de Moçambique (AC n.º 28, pág. 6) e à introdução de modificações no seu sistema de alianças.

Recentemente, numa conversa privada em Nova Iorque, o ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, **Pascoal Mocumbi**, disse num tom categórico que a Frelimo iria abandonar o marxismo-leninismo e que a ideologia estava tendencialmente a deixar de ter no país o papel dominador que até agora tem tido.